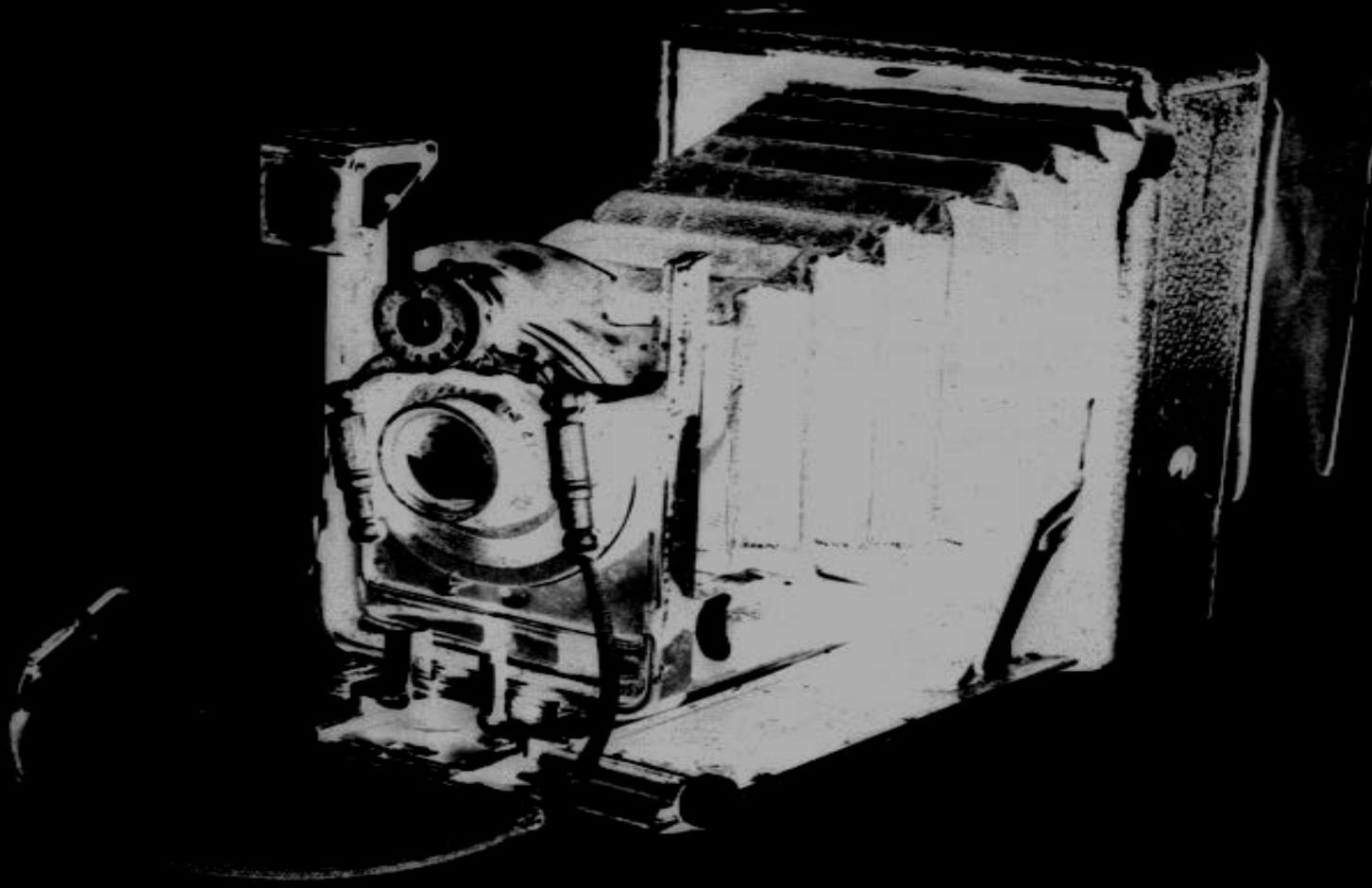


O PENSAMENTO FOTOGRAFICO





Professor Dr. / A. Camargo

Mestre em Educação – UEL/PR
Doutor em Comunicação e Semiótica
PUC/SP
Professor do Departamento de
Expressão Gráfica
Centro de Comunicação e Expressão
Universidade Federal de Santa Catarina

Ambiente pedagógico virtual:
www.artevisualensino.com.br

Lendo fotografias:
imago, imaginação,
imaginário, imagética

Como vimos, iniciamos esta
discussão pelo conceito de
Imago, traduzindo do latim,
temos imagem

Vimos também que a palavra
Imagem, na nossa
compreensão, acomoda tanto
a idéia de representação,
como a de criação, ou seja, a
tomada de alguma coisa que já
existe, como também a
possibilidade de inventar algo
novo

Neste caso pensamos no registro, e na criação, e a criação passa a ser resultado de elaborar, inventar, criar imagens, que nada mais é do que
Imaginação

Ao longo da história humana,
o processo de criação de
imagens foi se
desenvolvendo, tanto técnica
como conceitualmente,
possibilitando às imagens
cumprirem diversas funções
sociais

Deste modo, o conjunto ou a coleção destas imagens de diferentes origens, funções e, sobretudo, ideologia, simbolismo, crenças e anseios, valores, se constituiu no que chamamos de Imaginário

Em suma, nossa atuação em torno da imagem nos habilita a pensar em estratégias de observação, tomada e transformação que constituem um campo específico que podemos chamar de Imagética

Ou seja, um lugar onde
construímos,
desenvolvemos, tratamos e
significamos imagens

No caso da fotografia, em especial, atuamos no campo imagético e mais, ao longo do tempo nos apropriamos das percepções, qualidades sensíveis, aspectos plásticos e valores inerentes às demais imagens, com a vantagem de termos à disposição um aparelho designador

A câmera fotográfica nada mais é do que um aparelho criado para produzir imagens.

Ao mesmo tempo, é um aparelho que respeita a visão mais técnica da construção das imagens feitas pelo ser humano que é a perspectiva ótica

O Renascimento, movimento cultural que ocorreu na Itália nos séculos XIV, XV e XVI, teve a perspectiva como o auge a racionalidade na observação do mundo para a construção de imagens que pudessem iludir o espectador

A Câmara Escura foi a ferramenta (o aparato) oficial de sua construção, conseqüentemente, a antecipação da câmera fotográfica (antes da câmera digital)

Neste caso, a fotografia, só se tornou possível na medida em que foram associados conhecimentos de diferentes áreas, a compreensão do fenômeno do estenopo, os estudos de ótica, o surgimento da câmara escura e o uso da química para o registro das imagens

Portanto, para ler fotografias
temos que considerar, sem
dúvida alguma, todo o
percurso histórico e técnico
da construção de imagens,
caso contrário, nosso
caminho ficaria incompleto

Como se, numa viagem,
víssemos apenas a chegada
e não tivéssemos visto o
início e vivenciado o
percurso

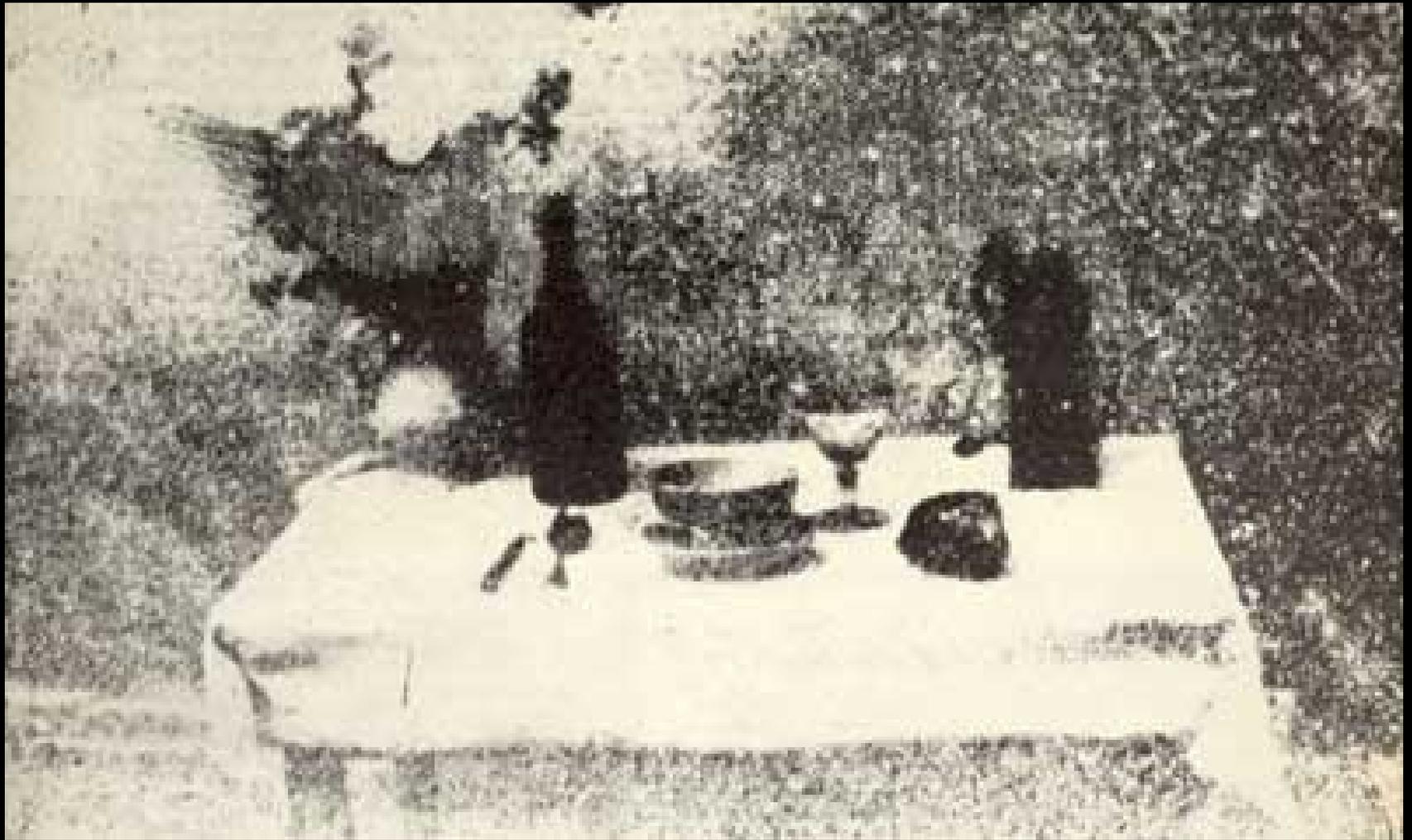
A superposição de todas estas camadas de informação são essenciais para ler fotografias considerando que ela assume a tradição das imagens, desde suas origens, e vai além desta tradição aditando tecnologia a este processo

Portanto, temos que considerar, nesta leitura, aspectos perceptivos, aspectos psicomotores, aspectos da física, da química, da informática, bem como, aspectos históricos, sociais, antropológicos e estéticos

Se, de um lado, há a
imagem técnica, de outro,
há a imagem simbólica,
aquela que o ser humano
preza e revela todas os seus
valores, crenças, anseios e
desejos

Desde seus desejos mais primitivos que era procriar e alimentar-se, como os desejos alimentados pela sociedade capitalista, pelo marketing e pelo consumo

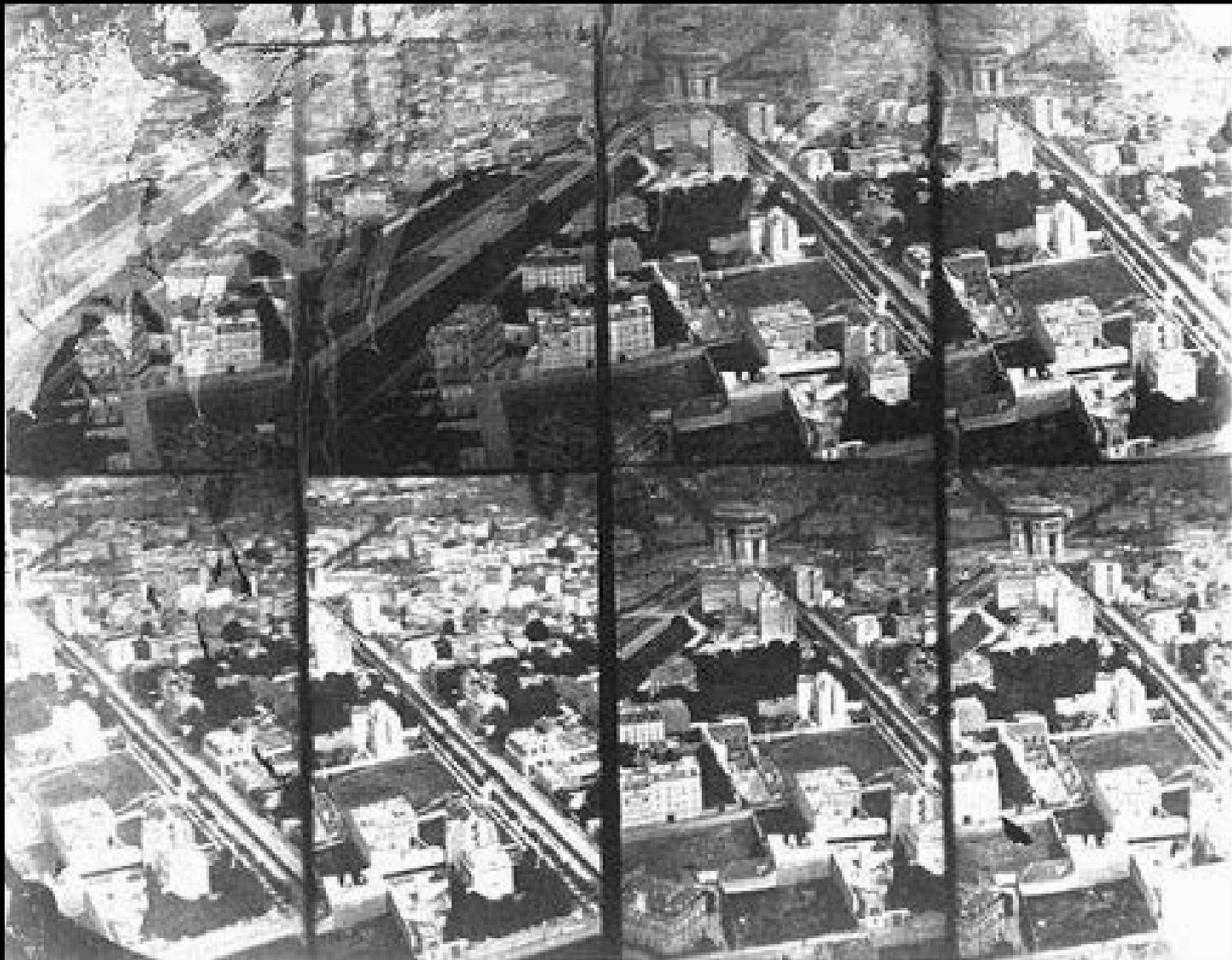
Se tentarmos destacar alguns nomes importantes da história da fotografia, em seus quase dois séculos de existência, nos sentiremos extremamente frustrados pois, obrigatoriamente, deixaríamos de lado muitos outros igualmente importantes



Joseph-Nicephore Niepce, 1829



Louis Jacques-Mandé Daguerre, Boulevard du Temple, Paris, 1838, daguerreotype



Nadar, foto “aérea”, feita a bordo de um balão, do arco do triunfo, Paris, 1860



Talbot, Three Daughters, 1840-42



Roger Fenton, Guerra da Crimeia, 18



Oscar Gustav Rejlander, Hard Times
1860



*She Never Told Her Love, by Henry Peach
Robinson, 1858.*



Alfred Stieglitz, raios de sol, berlin, 1889.



Eugene Atget, Paris, Saint Cloud, 1906,



Edward Steichen, The Pond, Moonlight, 1920-30



Julia Margaret Cameron, Beatrice, 1866, um olhar feminino na fotografia do século XIX,



Jonh Thomson, *A Manchu bride, Beijing (1871-2)*



Charles Nègres, França, Moissonneurs, Environs de Grasse, 1865



Dorothea Lange, Migrant agricultural worker's family, Nipomo, California, 1936



Lewis W. Hine. 1874-1940. *Powerhouse Mechanic*, 1920



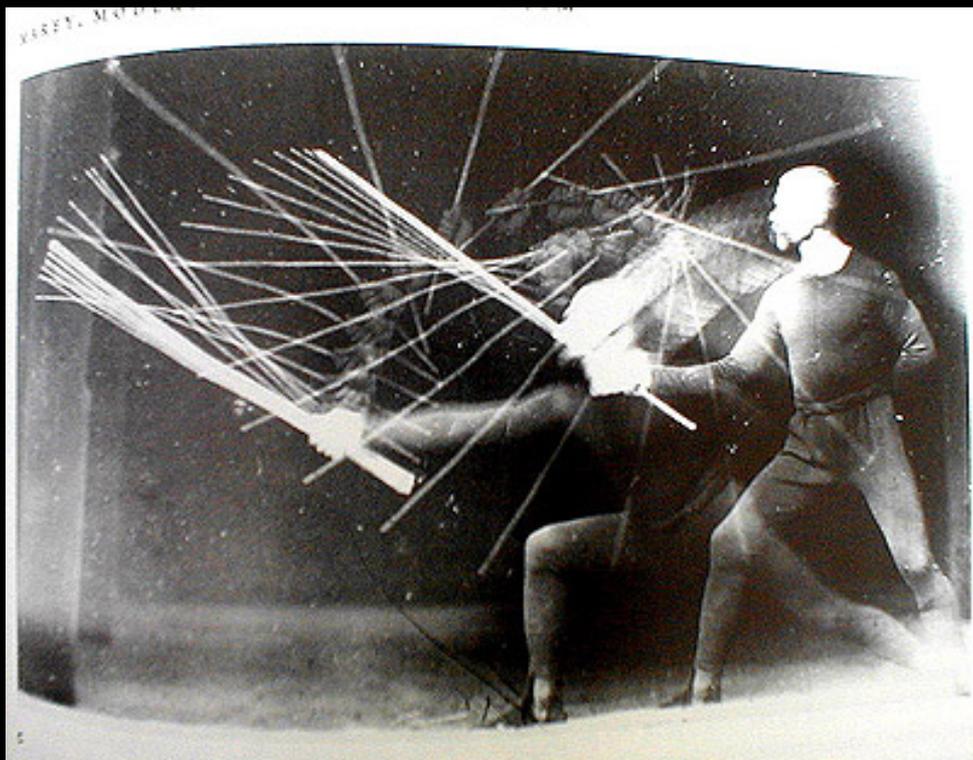
W. Eugene Smith, 'The Second World War, Iwo Jima, Sticks and Stones' (1945).



Henri Cartier Bresson, India, 1948



Sebastião Salgado, Mali, 1985



Etienne Jules Marey, 1882, cronofotografia



Lazlo Moholy-Nagy, fotografa, **sd**



Man Ray, woman, 1931



André Kertész, *'Distortion 147, Paris'* 1933



Manuel Alvarez Bravo, Fire Workers, 1935



Alvin Langdon Coburn, Vortograph, 1917



Paul Strand, 1916-18



Alfred Eisenstaedt, 1938



Brassai (Gyula Halasz) *Open Gutter* From "Paris by Night" (1933)



Capa, republicanos, guerra civil española, 1936



Chick Harrity, 1973, Saigon, Vietnam.

Somos o que somos porque
somos humanos

Estésis/estética:
uma filosofia da
fotografia

Para falarmos de estética,
em qualquer campo da arte
ou da expressão, é
necessário iniciarmos a
discussão pelo sentido do
termo “Estética”

Estética vem do grego
Aístetikós que, por sua vez,
se origina em *Aísthésis*

AÍSTHÉISIS

Se refere à apreensão
sensível do mundo, ao
sensório, sensorial, logo,
perceptivo

Logo, há no conceito de
estética, algo de perceptivo,
de sensório, de sensível

A primeira vez que o termo Estética foi usado foi no livro: Estética como ciência do belo e da arte, escrito por Alexander Gotlieb Baumgarten em 1750, daí em diante passou a ser uma referência para os estudos da arte

O importante em Baumgarten foi perceber que a expressão artística era composta, em boa parte, de aspectos perceptivos e qualidades sensórias

Estas qualidades se mostravam nas substâncias expressivas usadas nas diferentes modalidades artísticas, portanto, a estética era uma qualidade do estésico, ou seja, o estésico qualificado, valorizado

Os estudos estéticos nos anos subsequentes, por meio dos diversos autores que tocaram neste tema, expandiram a ponto de se tornar uma disciplina rica, complexa e ao mesmo tempo desafiadora

Considerando estes aspectos, não há como definir apenas uma estética para o contexto da arte em geral, mas sim de delimitar, para cada modalidade expressiva, quer seja visual, sonora, cênica ou literária, os contornos estéticos para a análise de cada campo de expressão

No caso da fotografia é necessário identificar tanto seu percurso, como modalidade expressiva, quanto sua filiação estética

Neste caso podemos dizer,
numa aproximação
superficial, que o percurso
da fotografia delineou um
caminho próprio e exclusivo,
onde apenas ela é capaz de
expressar e significar do
modo que o faz

Originariamente a fotografia buscou filiar-se à pintura. As primeiras imagens produzidas pelos fotógrafos/artistas, tinham influência muito forte da estética pictórica

Tanto é que o primeiro movimento esteticamente identificado da fotografia foi o Fotopictorialismo, ou pictorialismo fotográfico, em fins do século XIX

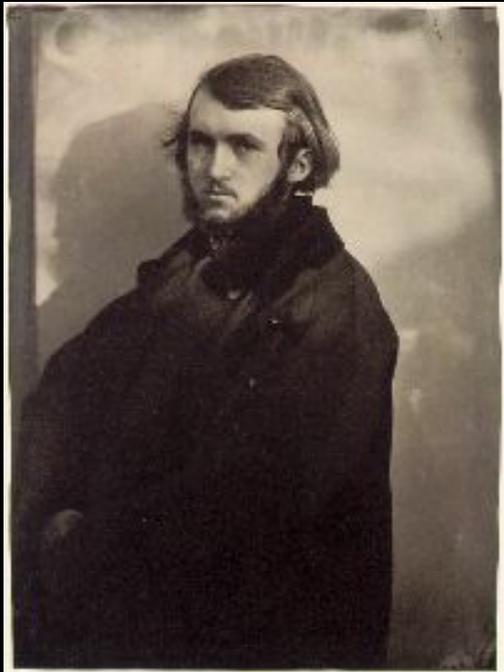
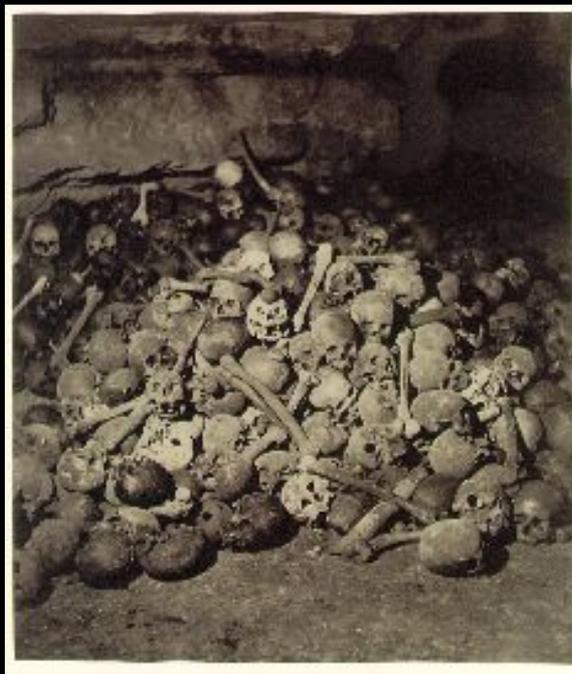
O segundo grande movimento, de seus primeiros anos, foi o movimento Fotosecessão, no início do século XX, nos EEUU, tomando por referencia a autonomia da produção fotográfica, à exemplo do Modernismo na Arte

A partir daí a fotografia se integrou à arte moderna e seguiu, aparentemente, os mesmos passos. Na maioria dos movimentos modernos que se sucederam no século XX, ocorreram manifestações fotográficas

Neste caso, podemos dizer
que a estética fotográfica atual
se filia à estética da arte
contemporânea e às
manifestações artísticas
autorais, intervencionistas,
performáticas, propositivas,
tecnológicas e digitais do
mundo atual



Leon Robert
Demachy,
século XIX



Felix Tournachon
Nadar



Roger Fenton, XIX





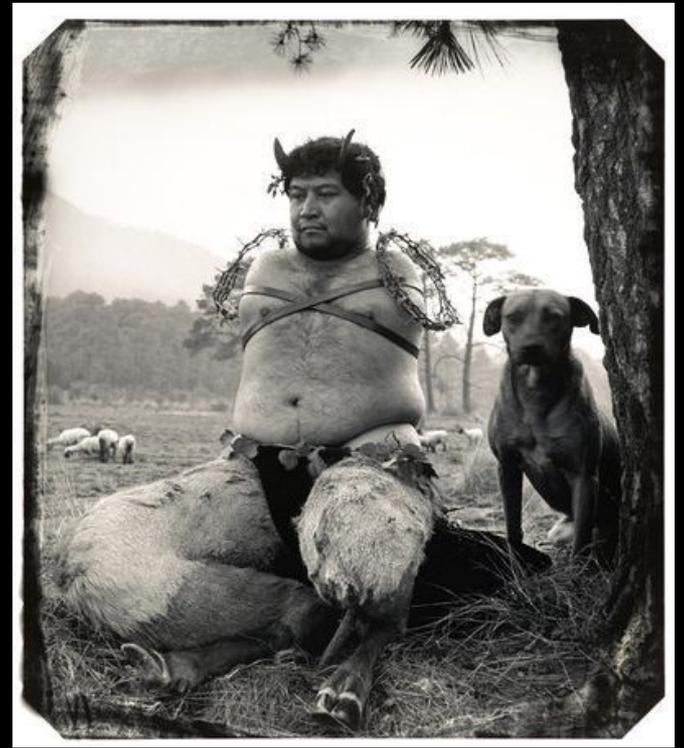
Henri Cartier-Bresson



David
La Chapelle



Wafaa Bilal



Joel-Peter Witkin

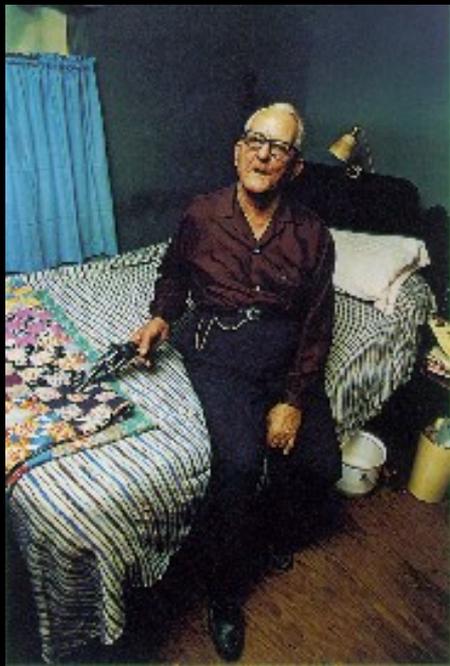


Cindy Sherman

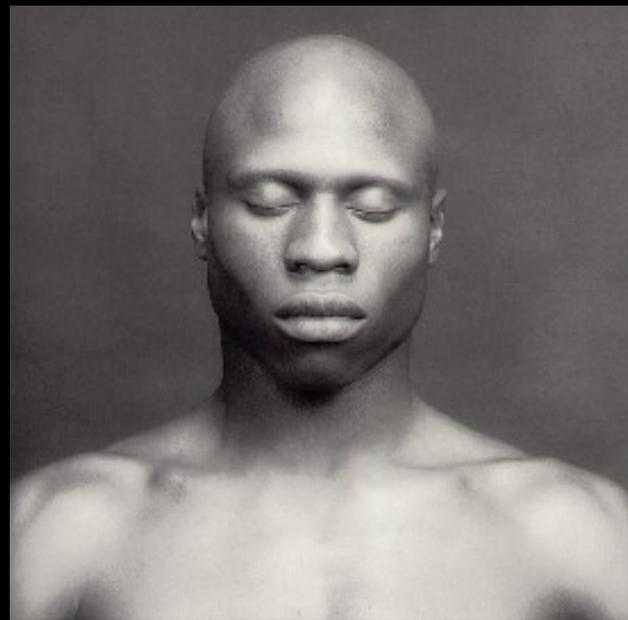
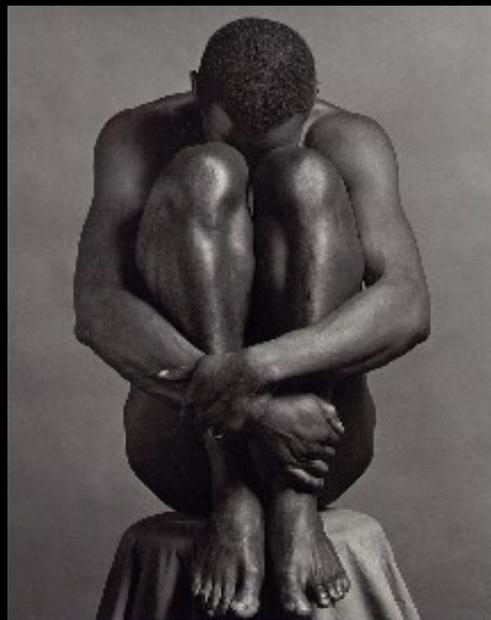
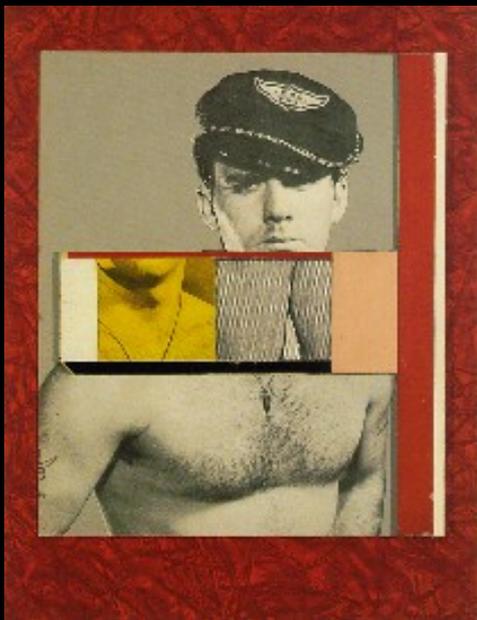




Sebastião Salgado



Willian Eggleston



Robert Mapplethorpe



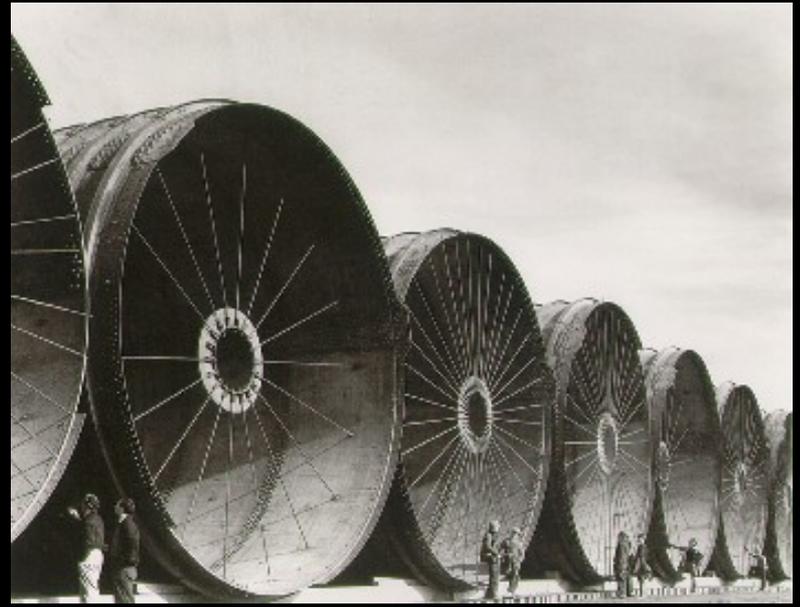
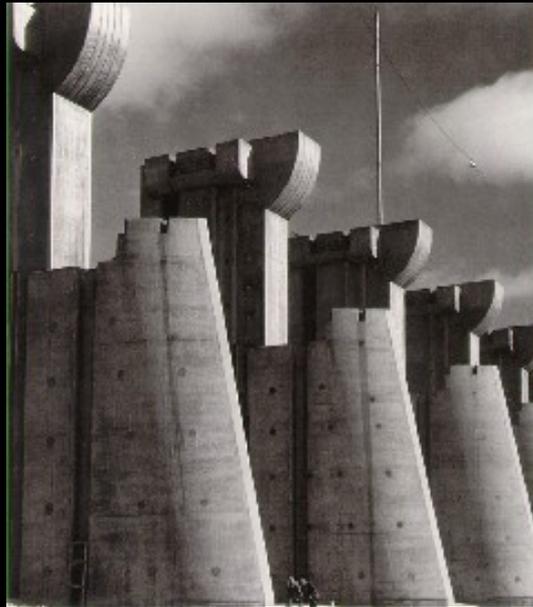
Julia Margaret Cameron



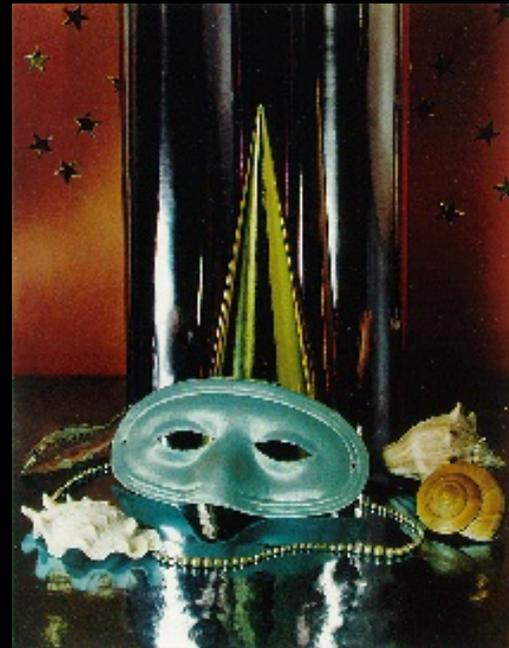
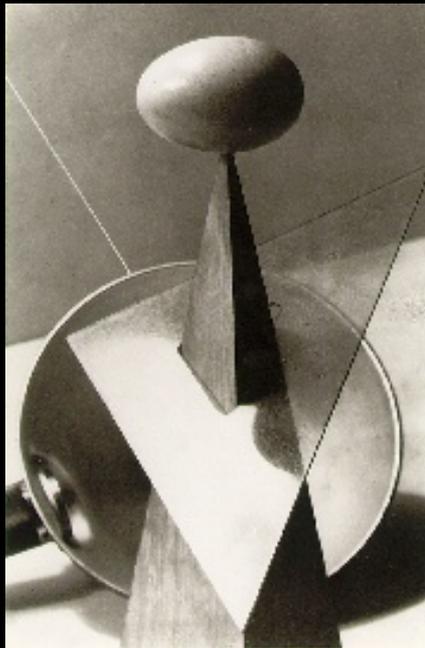
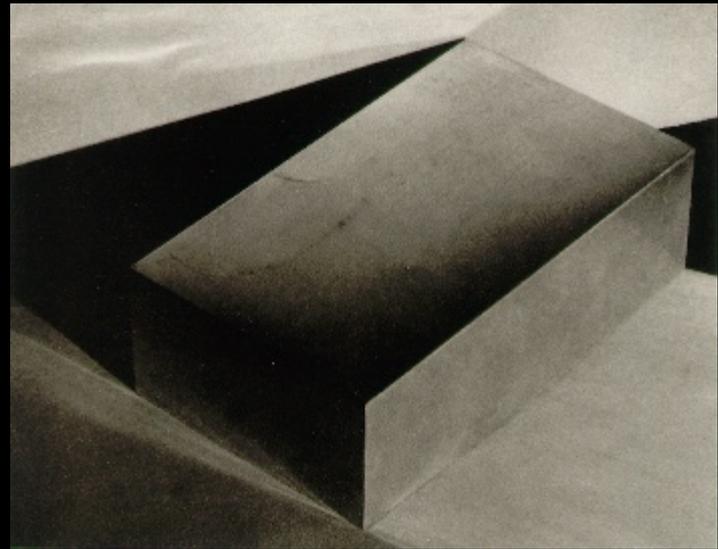
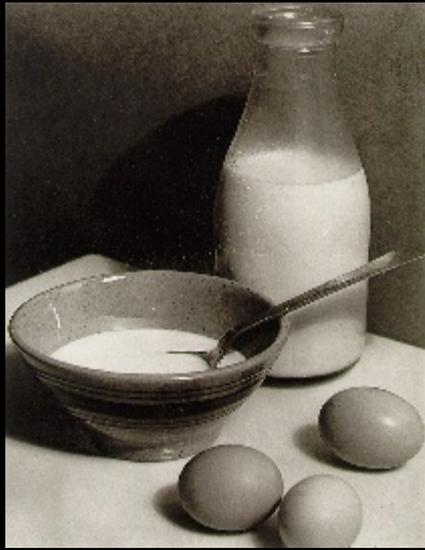
Dorothea Lange



Ansel
Adans



Margaret Bourke-White



Paul
Outerbridge

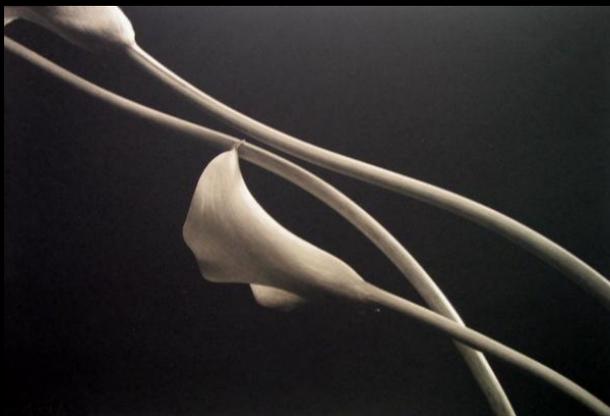


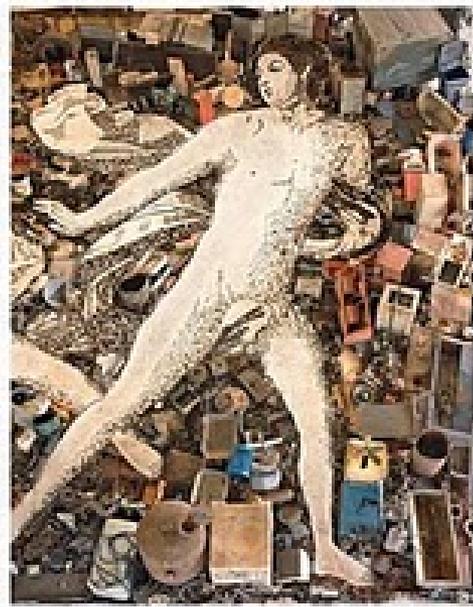
David Debrin



Michael Kenna
<http://www.michaelkenna.net/>

Kenzo Izu





Vik Muniz





David Levinthal



Christopher Pekoc





Rogério Ghomes

<http://rogerioghomes.com/indexhibit/>

O novo não é,
necessariamente, aquilo
que nunca se viu, mas um
modo novo de ver aquilo
que nunca deixou de existir

FOTOGRAFIA: ANÁLISE E LEITURA

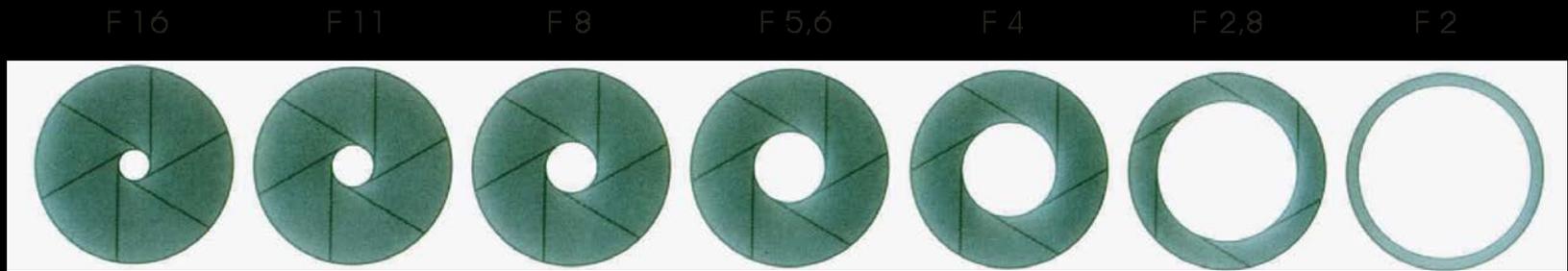
Para lermos uma imagem
fotográfica é necessário nos
ampararmos na sua *poética*

O conceito de poética é retirado do *Poiétikós* grego, cujo sentido é realizar, fazer, produzir, neste caso, o fazer do fotógrafo é realizar a imagem por meio do aparelho fotográfico que, por sua vez, imprime certas características na imagem

Do mesmo modo que a pintura, o desenho, a gravura, a escultura possuem suas marcas, a fotografia também possui marcas próprias, podemos dizer que há elementos visuais (ou plásticos) inerentes à fotografia que definem o seu paradigma visual

Ao vermos uma fotografia a reconhecemos como tal e não a confundimos com outro tipo de imagem, seja ela pintura, desenho ou gravura

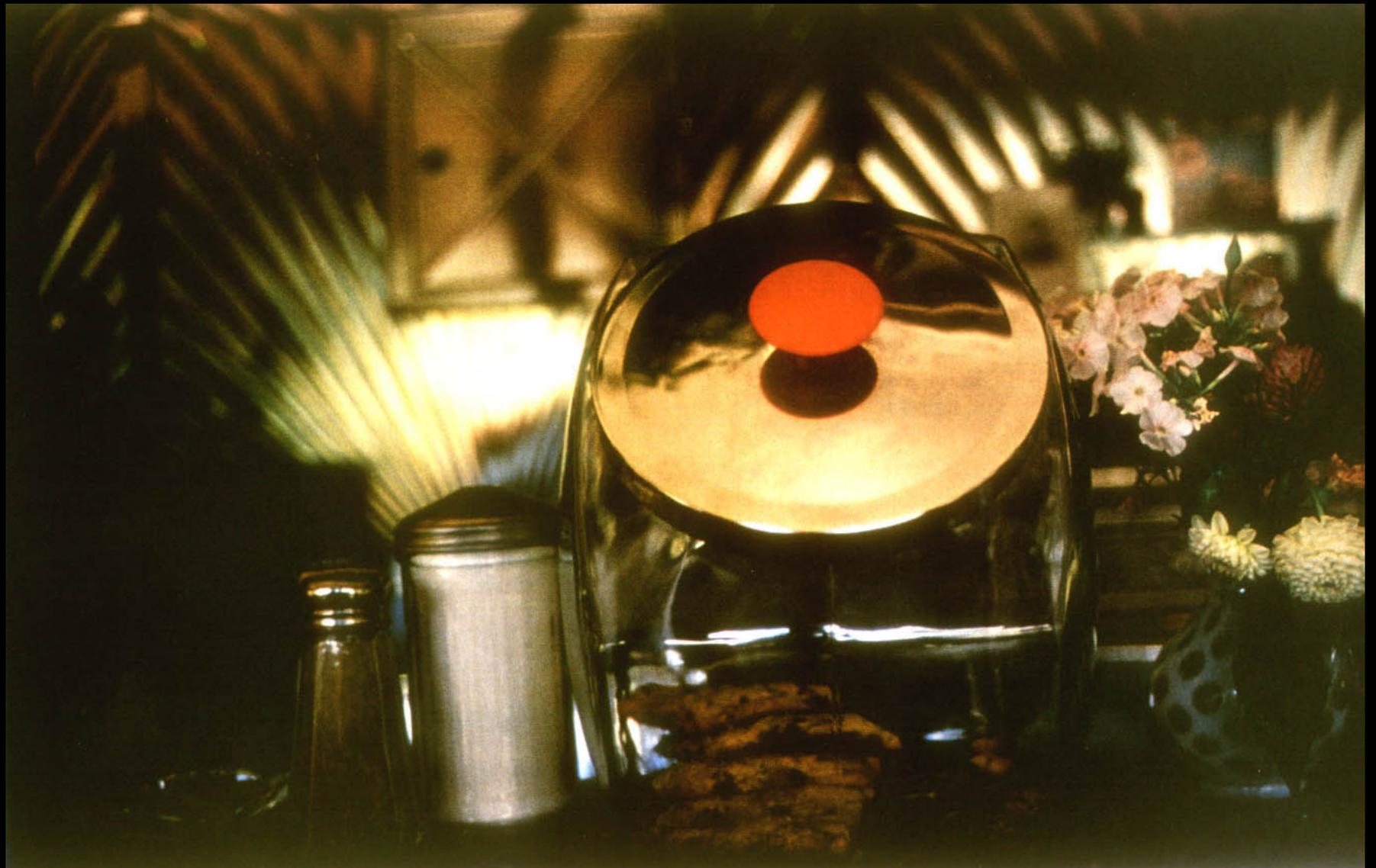
Outro elemento ótico que
se caracteriza como
substância expressiva é o
diafragma



O diafragma implica na nitidez da
imagem

Aberturas menores
impõem mais foco do que
aberturas maiores, o que
implica em maior nitidez
na imagem.

Isto produz o que
chamamos de **foco**
seletivo.



Foco seletivo

O foco seletivo destaca do conjunto um, ou alguns elementos que passam a merecer maior atenção. Este é um dos meios utilizados para dar importância à um dado aspecto da imagem.

Ao contrário do foco seletivo, podemos valorizar toda a imagem. É só utilizarmos aberturas menores e teremos maior nitidez em toda a imagem.



O foco contínuo
valoriza a imagem
como um todo.

Neste caso temos uma maior *profundidade de campo*.

Profundidade de campo é o foco na extensão frontal da imagem. Com isto podemos observar todos os seus detalhes.

O efeito de sentido é o de
revelação, desvendamento,
explicitação.

Uma terceira substância ou elemento expressivo diz respeito ao *obturador*.

Como sabemos o obturador controla o tempo de exposição na câmera fotográfica.

Com ele é que determinamos se a imagem será congelada ou revelará os efeitos do deslocamento no espaço.

Congelar uma imagem significa impedi-la de mostrar qualquer efeito de deslocamento. Para isto usamos uma velocidade de tomada rápida.

Isto implica na supressão
ou suspensão do efeito de
movimento.



Este é o efeito
definido por
Cartier-
Bresson nesta
imagem.

Por outro lado, é possível evidenciar ou revelar o efeito provocado pelo deslocamento dos componentes de uma imagem.

Para tanto é só utilizarmos
uma velocidade de
obturaçãõ mais lenta.



É o que
revela esta
foto de
Brake



Ou ainda esta de Almeida

O efeito de sentido
provocado é o de ação, de
dinamismo

Isto posto, é possível verificar
que os ajustes e escolhas
que fazemos no contexto
técnico da fotografia
influencia e determina a
significação no contexto
conceitual

Os aspectos químicos estão,
praticamente, ausentes das
atuais fotografias, desde o
momento em que o sistema
digital passou a ocupar a cena
fotográfica, especialmente no
Brasil

A leitura fotográfica
depende de um olhar
tanto técnico e poético
quanto sensível.

Ler uma imagem,
independente de ser ou
não uma fotografia,
depende do entendimento
que temos dos modos de
existência destas
imagens.

Os modos de existência
das imagens é que
caracterizam os efeitos
de sentido que elas
produzem.

A presença das
imagens no mundo é
que determinam seus
modos de ser e existir.

Estes modos são
muitos e diferentes
entre si, mas não
definitivos nem
suficientes.

Há sempre uma nova
possibilidade, um novo
recorte ou uma nova
postura ideológica que
seja, mas um novo modo
de mostrar e de ver uma
imagem.

A construção de sentido
requer o entendimento
dos modos de presença e,
ao mesmo tempo, o
entendimento de como
estes modos de presença
ocorrem.

Dependemos do
entendimento de como
os aspectos temporais e
espaciais ocorrem numa
imagem fotográfica.

Do mesmo modo que
dependemos do
entendimento de como
se constitui o sujeito
das ações nestas
imagens.

É isto que facilita o
entendimento e o
desenvolvimento da
criação e da leitura
fotográfica.

Lidar com estas
descobertas é lidar
com a leitura.

Embora saibamos que,
atualmente, a fotografia
digital tem buscado construir
simulacros da fotografia
tradicional, não podemos
ignorar o seu percurso
histórico

No entanto, os paradigmas fotográficos foram mantidos e uma fotografia digital é muito semelhante a uma fotografia analógica, seu simulacro

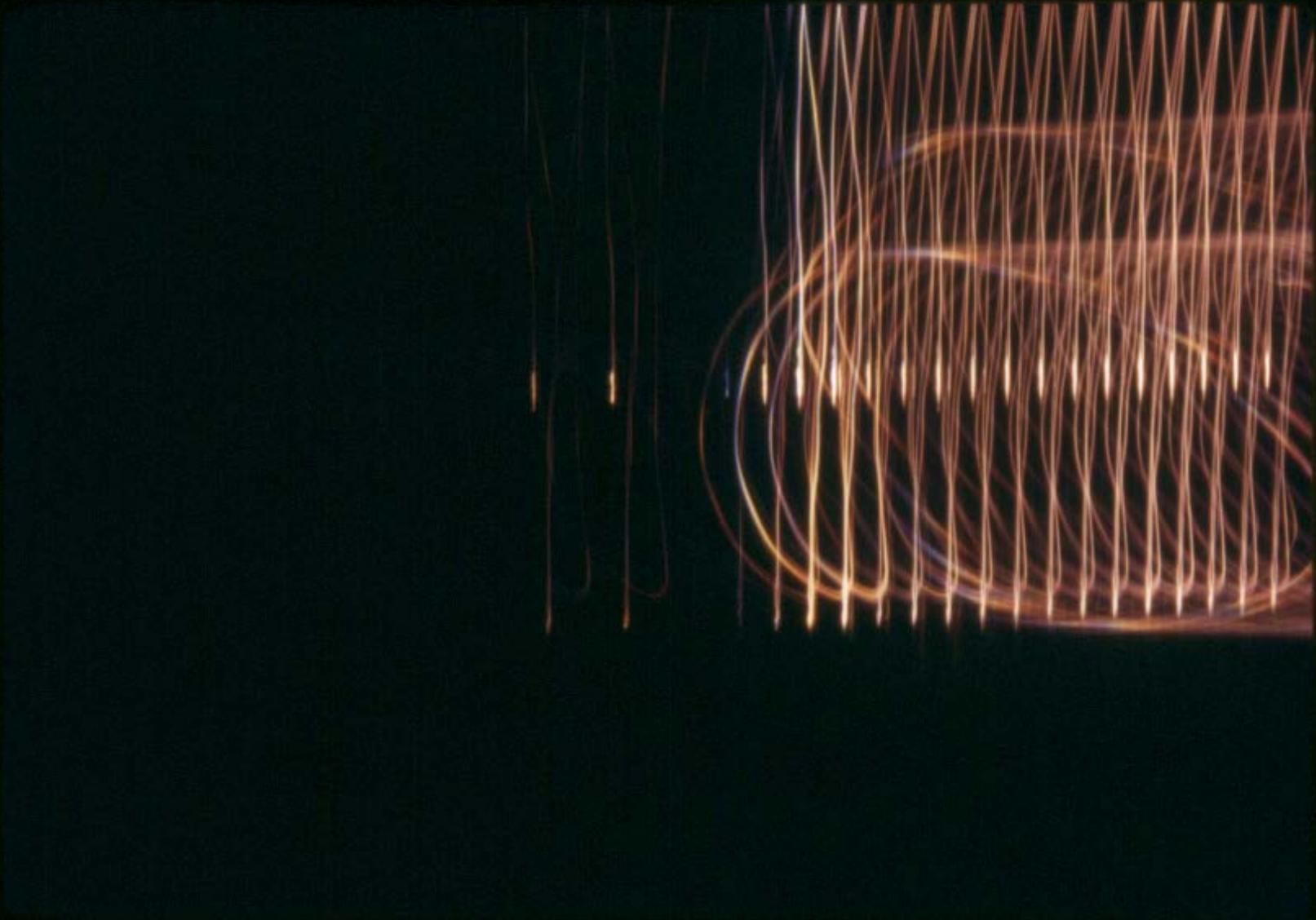
Agora nos importa verificar de que maneira podemos abordar a imagem fotográfica e obter dela as informações necessárias à nossa compreensão

Como sabemos, a fotografia
exerce diferentes funções sociais

Ao longo do tempo, as imagens fotográficas foram utilizadas para diferentes fins, desde o registro de uma cena no ambiente até a criação de uma imagem inusitada sobre a qual não temos nenhuma referência visível



<http://www.landsapedvd.com/wallpaperblog/index.php/archives/112>



Para sermos sintéticos,
podemos dizer que a fotografia
se dedica a criar imagens
destinadas a três tipos de
função:

Documental, Informativa e
Expressiva

As imagens documentais são aquelas que cumprem a função social do registro. Destinadas a documentar fatos, eventos e circunstâncias às quais atribuímos valor social e vão constituir nosso repertório histórico, antropológico, étnico, etc.

A função documental é exercida pelos registros fotográficos realizados em ambientes, circunstâncias, eventos e ocorrências diversas cujo sentido é atuar como testemunha ocular de situações e acontecimentos que nos importam socialmente

No contexto documental a imagem deve reter informações sobre ocorrências, fatos e eventos relevantes socialmente, assumindo caráter social, antropológico, étnico, paisagístico entre outros

Neste caso temos as fotografias que tomam como referência pessoas ou acontecimentos que mobilizem a opinião pública. Pessoas como governantes, políticos, personalidades da cultura, grupos étnicos e indivíduos distintos de seu contexto sempre chamam a atenção e merecem um recorte fotográfico



Pierre Verger,
Estivadores, Bahia



Pierre Verger,
Candomblé,
Bahia

Ambientes naturais como as paisagens, e mesmo os ambientes onde ocorreram catástrofes, guerras, são também dignos de registro para compor nosso repertório social



Pierre
Verger,
Porto, Bahia



Robert Capa, Guerra Civil,
Espanha

Para identificarmos estas
imagens basta usarmos o lead
da informação e nos
perguntarmos: O que? Quem?
Onde? Quando? Como? E
teremos as respostas que nos
informarão a respeito da imagem

Muitas destas imagens estarão
acompanhadas de
identificadores, suas legendas,
que complementarão ou
direcionarão a compreensão ou
entendimento delas, situando o
leitor para sua completa
assimilação

As legendas são, em geral,
redundâncias do que se mostra,
mas, ao mesmo tempo, afirmam o
que mostram



Pierre Verger



Pierre Verger



Pierre Verger



As imagens informativas
cumprem a função de informar,
e atuam na comunicação
social exercendo papel
informativo ou comercial, no
Jornalismo, no Marketing, na
Publicidade, na Propaganda,
etc.

Estas imagens são portadoras de sentidos e querem promover a interação entre os diferentes núcleos sociais: a indústria com o consumo, o profissional com usuário, etc



David Field, Editorial de Moda

UTV MOTION PICTURES
IN ASSOCIATION WITH BHANDARKAR ENTERTAINMENT PRESENTS

fashion

A MADHUR BHANDARKAR FILM
PRODUCED BY RONNIE SCREWVALA

 **bollywood**
hungama.com

UTV
MOTION PICTURES

BHANDARKAR
ENTERTAINMENT

No contexto da comunicação a fotografia deve revelar informações que inspirem, indiquem, instruam, estimulem comportamentos e atitudes de segmentos sociais delimitados

Não visa sedimentar ou transformar a história, apenas cumprir sua meta de difundir dados e informações que interessem aos diferentes núcleos da sociedade



Adivinha qual
o banco que
já está preparado
para a tecnologia
do iPhone?

Uma pista:
começa com i.

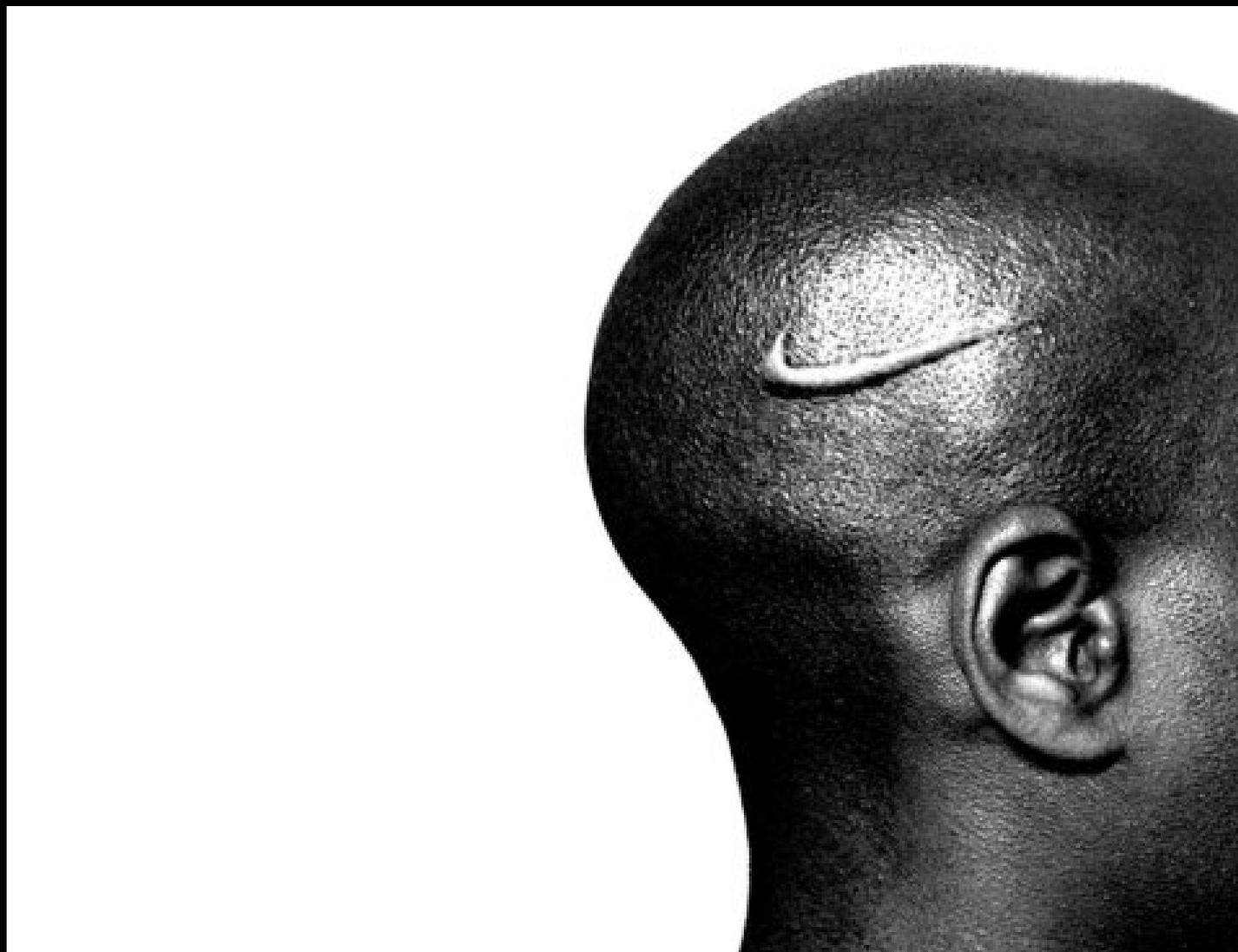
Itaú é o primeiro banco brasileiro a oferecer o aplicativo Itaú Fone para o iPhone. Com ele, você pode fazer tudo o que precisa fazer pelo celular: consultar saldos, transferir dinheiro, pagar contas e muito mais. Tudo isso de forma rápida e segura. E, claro, com o melhor atendimento Itaú. Fazer mais por você.



Campanha Itaú Fone



Campanha Avon



Campanha Nike

★ Heineken

EM OUTRAS
PALAVRAS:
SEJA O CARA
QUE DISTRIBUI
AS PULSERINHAS.

Fazer uma festa nunca foi tão fácil.
É só gerar o barulho, apertar
o pistão: você mesmo pode fazer
sua bebida como se fosse chopp
na festa. Seja em casa, num
churrasco ou no aniversário com
amigos, o Carra de Heineken
é perfeito para levar a diversão
para onde você quiser.

O CARRA DE **5** L
DA HEINEKEN



vip ★ Heineken
vip ★ Heineken

Campanha Heineken

O advento da comunicação social, iniciado pelo jornalismo, e a comunicação de massa que pretende delimitar públicos maiores ou menores em função de suas identidades sociais ou culturais, abriu um caminho para a propaganda, a publicidade e o marketing

Reportar ao público os acontecimentos, levou a mídia a promover também informações que não tinham funções de documentar ou consignar dados relevantes, mas sim a comercialização de bens e serviços

Estas imagens estão vinculadas à propaganda, à publicidade e ao marketing que passam a aplicá-las e expandí-las em larga escala

Neste caso as imagens não respondem necessariamente ao lead de informação, mas propõe novas abordagens e situações que promovem uma leitura dirigida, não aos fatos e eventos, mas às atitudes que nos levam a adquirir produtos, hábitos e mudar condutas







SWÁSTHYA
Yoga

Qualidade de vida na prática.



Yervant



David Field

O Boticário

VOCÊ PODE SER O QUE QUISER

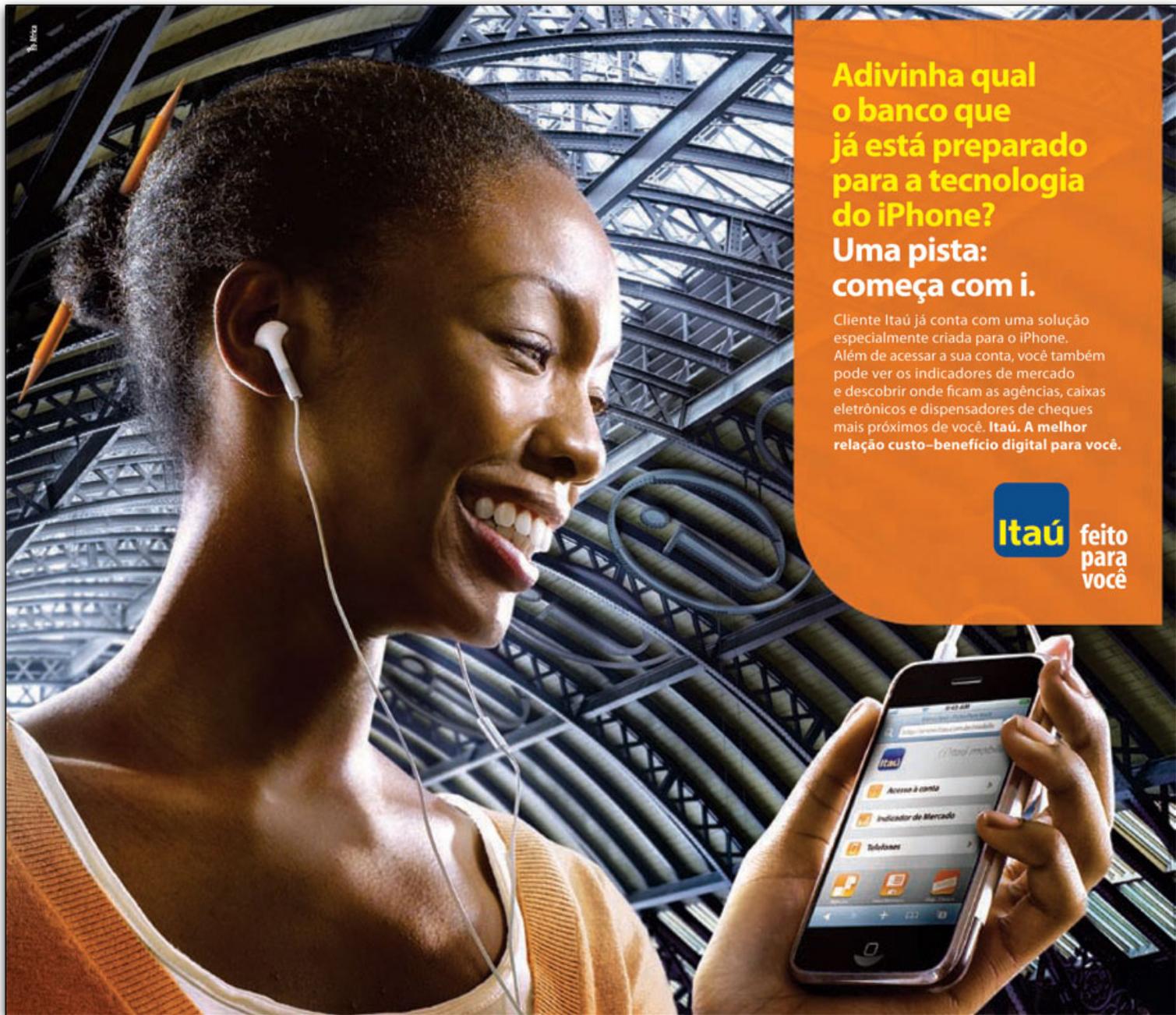
ERA UMA VEZ UMA GAROTA BRANCA
COMO A NEVE, QUE CAUSAVA MUITA INVEJA
NÃO POR TER CONHECIDO SETE ANÕES,
MAS VÁRIOS MORENOS DE 1,80 M.

MAIS DE 2.300 LOJAS
ESPERANDO POR VOCÊ.
WWW.BOTICARIO.COM
0800 41 3011

Adivinha qual o banco que já está preparado para a tecnologia do iPhone?

Uma pista: começa com i.

Cliente Itaú já conta com uma solução especialmente criada para o iPhone. Além de acessar a sua conta, você também pode ver os indicadores de mercado e descobrir onde ficam as agências, caixas eletrônicos e dispensadores de cheques mais próximos de você. **Itaú. A melhor relação custo-benefício digital para você.**





REOPENING SEPTEMBER 2010
139 SPRING STREET, SOHO 212.334.0055
CHANEL.COM/SOHO2010

CHANEL

Gucci
BY
GUCCI
SPORT

THE NEW FRAGRANCE FOR MEN





Mario Sorrenti



Melissa et Laurence pour Kenzo Parfums

KENZO AMOUR
un parfum pour femme

ZOOMP ⚡





ZOOMP ⚡



colcci

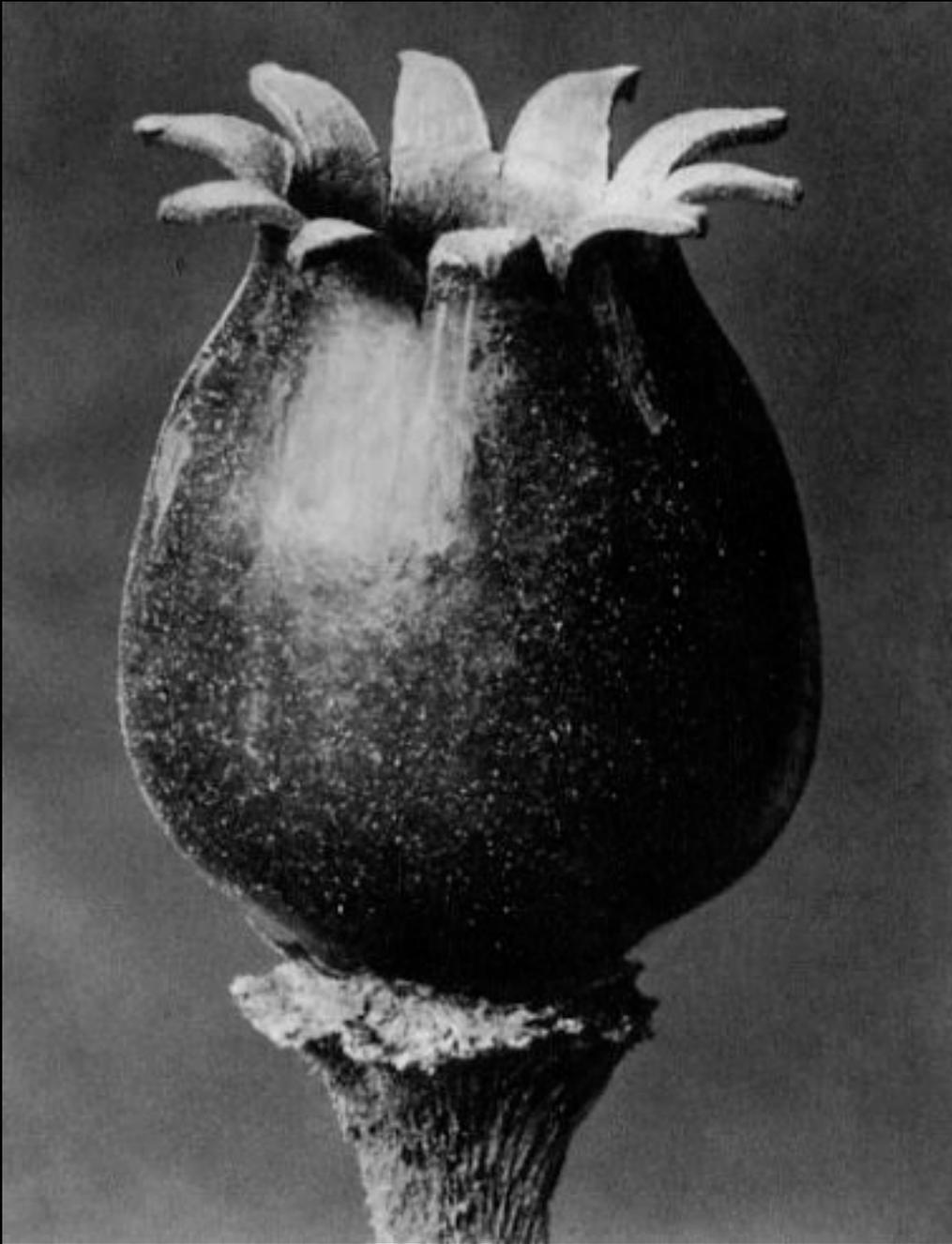


Por fim, no contexto expressivo,
as imagens fotográficas devem
estimular a fruição, a
contemplação, a apreciação
estética sem visar,
necessariamente, uma função
que não seja a sua própria
esteticidade

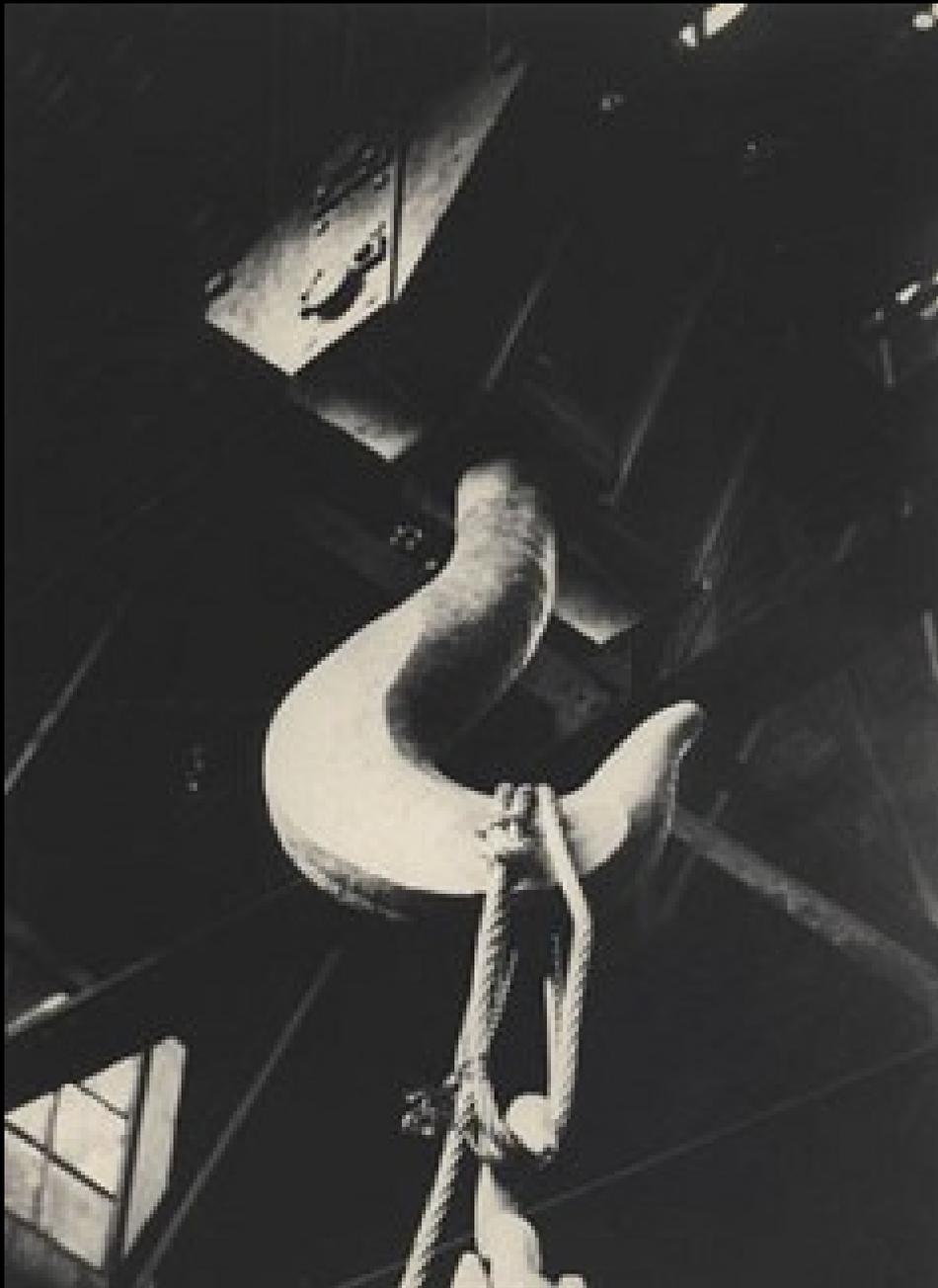
São destinadas a cumprir funções estéticas, ou seja, não se destinam ao registro, tampouco à informação. São modos de dizer autônomos e significativas em si mesmas







Karl BLOSSFELDT



Albert Renger-Patzsch



Rodchenko Alexander



André Kertész



André Kertész



Ansel Adams



Eugene Atget



Robert Doisneau,
Paris, 1957



Robert Doisneau

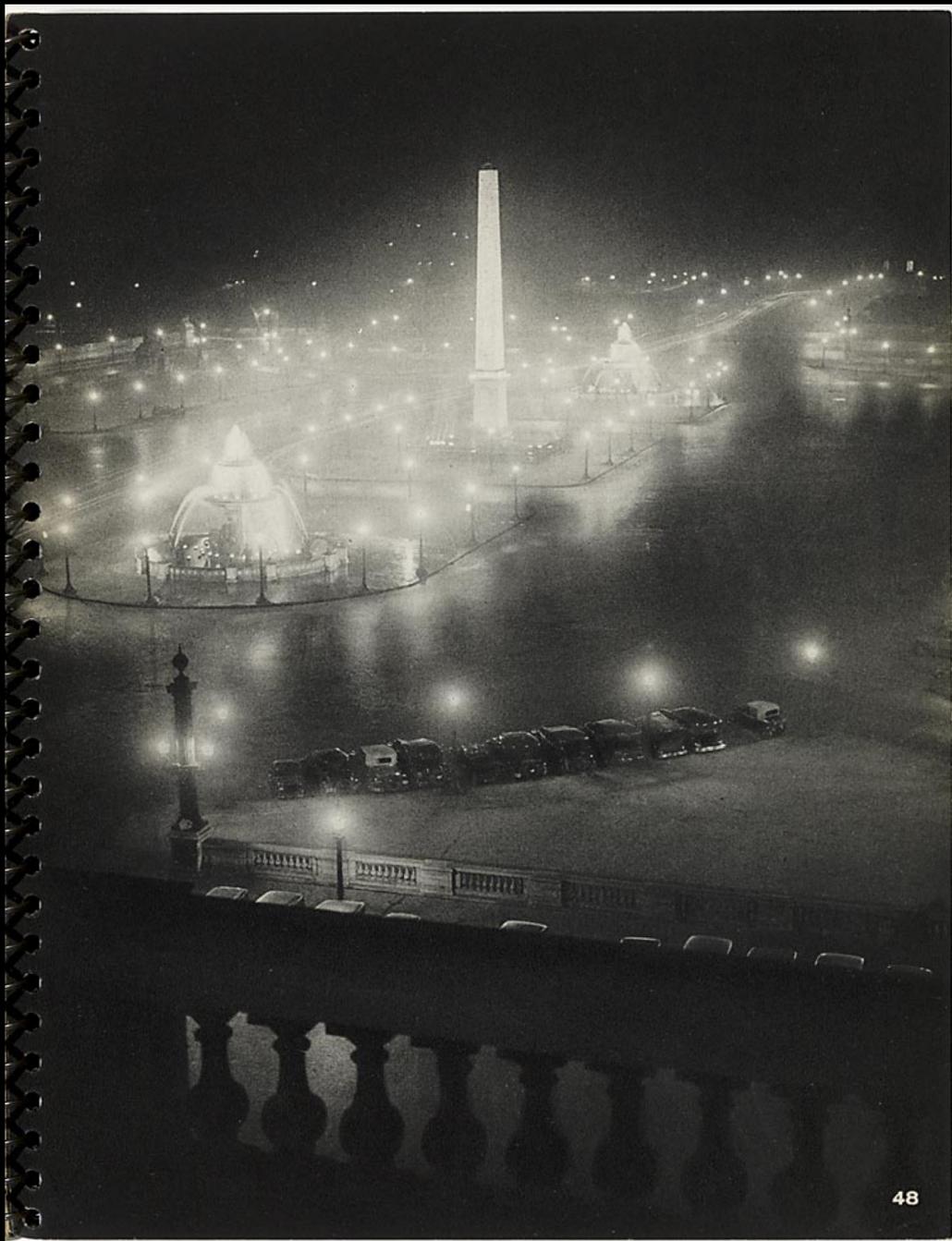
49. Quai du Vert Galant, Paris - 1946.



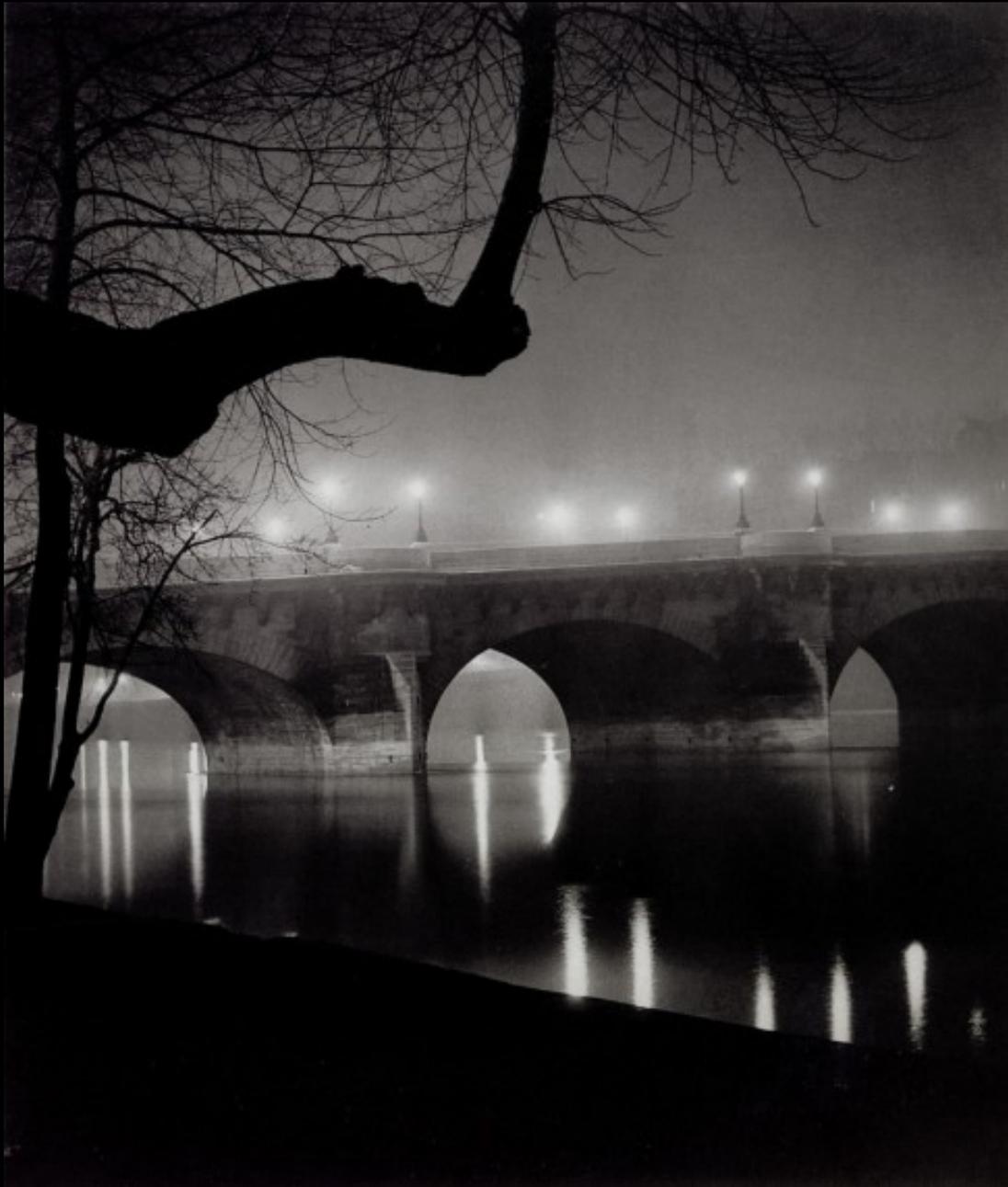
Eugene Atget,
Luxemburgo, 1906



Eugene Atget, Paris,
1908



Paul-Morand Brassai,
Paris a noite, 1932



Paul-Morand Brassai,
Paris a noite, 1932



Paul-Morand Brassai, Graffiti,
1930

Enfim, estas imagens não tem função pragmática, querem promover a fruição, a apreciação da imagem em si e não induzir-nos ou estimular-nos a compreender ou adquirir algo

Estas imagens são, por definição, auto-explicativas, auto-significativas pois reduzem em si todas as condicionantes de seus sentidos. Não representam algo, mas o apresentam, dão-lhe existência formal e o instauram no mundo

Cada função aqui indicada, exige
uma postura por parte de seus
autores, daqueles que as
concebem e criam, quanto dos
leitores que as realizam
enquanto sentido, em relação ao
tipo de informação que tal função
promove

